

HARTMANN, Luciana. A Arte e a “Ciência” de contar histórias: como a noção de performance pode promover diálogos entre a pesquisa e a prática. Brasília: Depto. de Artes Cênicas; Programa de Pós-Graduação em Arte; Universidade de Brasília; Prof. Adjunto IV.

RESUMO

Depois de muitos anos de pesquisa com contadores de histórias de diferentes regiões do Brasil comecei a perceber uma espécie de lacuna ou de silêncio - para usar um recurso característico da oralidade - entre aqueles que, como eu, pesquisavam e analisavam as narrativas orais e aqueles que as contavam de forma profissional. Ou seja, constatei que essas diferentes áreas de atuação, embora trabalhem com “objetos” de interesse comuns (as narrativas orais e os contadores de histórias), quase não dialogam. Esta comunicação pretende promover uma análise, a partir do levantamento da produção de obras nacionais sobre a narração de histórias, em diversos campos do saber, dos possíveis “atravessamentos” gerados pela noção de performance que podem permitir o contato entre a arte e a “ciência” do contar histórias.

PALAVRAS-CHAVE: Contadores de histórias. Performance. Narrativas orais.

RESUMÉ

Après de plusieurs années de recherche avec des conteurs de différentes régions du Brésil, j'ai commencé à remarquer une sorte de silence - pour utiliser une caractéristique de l'oralité - parmi ceux qui, comme moi, font la recherche et l'analyse des récits oraux et celles qui racontent des histoires professionnellement. En d'autres termes, j'ai trouvé que ces différents domaines, bien qu'ils travaillent avec des «objets» d'intérêt commun (récits oraux et de contes), presque n'ont pas de dialogue. Le présent travail vise à faire une analyse, basée sur une enquête de la production nationale sur la narration dans divers domaines de la connaissance, sur les possibles «passages» générés par la notion de performance qui peuvent permettre un contact entre l'art et la «science» de la narration des histoires.

MOTS-CLÉS: Conteurs. Performance. Récits oraux. Palavras ditas, palavras escritas. O mistério das palavras – e das gentes – que contam.

Há muitos anos comecei uma trajetória como atriz, antropóloga e, quiçá, contadora de histórias. Ao longo desse aprendizado fui percebendo que havia uma espécie de lacuna ou de silêncio - para usar um recurso característico da oralidade - entre aqueles que pesquisavam e analisavam as narrativas orais e

aqueles que as contavam de forma profissional. Ou seja, percebi que esses diferentes campos de atuação, embora trabalhem com “objetos” de interesse comuns (as narrativas orais), quase não dialogavam. Eu, como pesquisadora, estava de um lado do rio, e não encontrava a ponte, o barco, o “passo” para atravessá-lo. Foi então que resolvi nadar.

Pode parecer estranho, mas nadei, nadei, e acabei caindo num lugar chamado “Boca do Céu” – sem brincadeira. Será que voei? Pois bem, foi no Boca do Céu, um Encontro Internacional de Contadores de Histórias, que tem a curadoria e coordenação geral de Regina Machado, professora da USP e ela própria contadora de histórias, que comecei desenvolver melhor meu lado contadora e a me sentir instigada pelo trabalho direto com a contação.

Este artigo, portanto, vai tratar destes “atravessamentos”, destes transbordamentos que podem permitir o contato entre a ciência antropológica e a arte da narração de histórias. Ou entre a arte da antropologia e a ciência da narração, por que não? E como não poderia deixar de ser, já que tenho me dedicado aos estudos das performances narrativas de contadores de histórias, procuro estabelecer essas conexões justamente através da noção de “performance”.

Desde que comecei minha pesquisa com os contadores de “causos” da região da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, constatei que havia uma forte produção local de livros com coletâneas de contos e descrições de rodas de causos, muitas delas redigidas pelos próprios contadores. Nenhuma delas, no entanto, dialogava com a produção acadêmica na área. Confesso que isso me incomodava: por que, por um lado, não reconhecíamos essas obras em nossas pesquisas universitárias e, por outro lado, por que esses autores autodidatas desconhecem a nossa existência? De alguma forma procurei estabelecer pontes entre estas distintas literaturas em meus trabalhos de mestrado e de doutorado, mas tenho clareza de que essas ainda foram ações muito reduzidas.

Mais recentemente, no primeiro semestre de 2013, ministrei uma disciplina optativa sobre Contação de Histórias, no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, onde atuo como professora. Neste momento resolvi me desafiar e encarar a bibliografia produzida pelos (e não sobre os) contadores de histórias brasileiros, debatendo os textos com os alunos e refletindo sobre sua operacionalidade e relevância para o estudo e a prática da contação.

E aqui chegamos à noção de performance: vejo como uma possibilidade de “ponte” entre estes distintos campos a abordagem do contador/da contadora como “performer”. Esta abordagem, que já tem uma estrada de 20 ou 30 anos, não apenas em países do Hemisfério Norte, mas também nos vizinhos Argentina, Chile e Venezuela (entre outros), encontrou acolhida no Brasil somente na última década. Os estudos das performances culturais, que englobam, entre outras formas expressivas, a contação de histórias, permitem

uma perspectiva interdisciplinar, agregadora e bastante produtiva analiticamente. Exemplos de contadoras-pesquisadoras que adotam o conceito de performance são Gilka Girardello (2004) e Cléo Busatto (2003; 2011), além de meu próprio trabalho “Gesto, Palavra e Memória – performances de contadores de histórias”, de 2011. Diversos outros pesquisadores também estão trabalhando sob essa perspectiva, como Frederico Fernandes, professor de Letras da UEL, em sua pesquisa sobre as performances de narradores pantaneiros (Fernandes, 2007), Vânia Zikán Cardoso, que tem trabalhado sobre as performances narrativas do “povo da rua” (Cardoso, 2007; 2009) e Esther Jean Langdon, antropóloga, que vem orientando muitas pesquisas na área e tem produzido artigos teóricos e etnográficos para tratar do tema (Langdon, 1996; 1999; 2007). Estes são apenas alguns exemplos da profícua produção atual de pesquisas que se entrelaçam ao tratar da narração de histórias orais.

Neste momento se faz necessário adentrar, ainda que brevemente, o campo dos Estudos da Performance, no sentido de esclarecer porque considero o contador como um performer¹.

Como coloquei acima, a inserção, no Brasil, dos estudos da performance – entendidas aqui como performances culturais e não performance arte² - se deu há menos de duas décadas. Na antropologia este campo se intitula Antropologia da Performance. Derivada do campo mais amplo da Antropologia Simbólica e pautada em grande parte pelas pesquisas geradas na associação frutífera entre um antropólogo, Victor Turner, e um diretor de teatro, Richard Schechner, a Antropologia da Performance permite a análise de fenômenos dinâmicos, ambíguos, multivocais, multisensoriais e efêmeros, cuja ênfase, em alguma medida, esteja posta em suas qualidades estéticas. Nesta perspectiva o teatro, os jogos, as festas, os rituais, as manifestações políticas, cantos, danças e narrativas orais podem ser contemplados de uma maneira mais holística e integradora, já que “a cultura” (ou uma das múltiplas possibilidades de interpretação desta) passa a ser considerada a partir do que e, sobretudo, como seus agentes a imaginam, a sonham, a comemoram, a contam, com todo o seu corpo e voz, em contexto.

1 Desenvolvo essa questão com maior profundidade em outros momentos (Hartmann, 2005; 2012).

2 A performance arte (ou *performance art*) está ligada a um movimento artístico surgido na década de 60, mais diretamente relacionado às artes visuais, embora de fortes tendências interdisciplinares, que continua com bastante impacto na produção artística contemporânea (Cohen: 2002). Já a noção de performance cultural foi desenvolvida pelo antropólogo Milton Singer, na década de 50, e tem auxiliado pesquisadores das áreas de artes e ciências humanas na compreensão e análise de eventos expressivos tais como festas, espetáculos teatrais, rituais e, como não poderia deixar de ser, narrações de histórias. Para aprofundamento no tema, ver Singer (1972), e o recente artigo de Camargo (2013).

Particularmente, em meu trabalho, embora compreenda que o conceito de performance possua diversas acepções, opto por utilizá-lo de acordo com a definição desenvolvida pela antropóloga Deborah Kapchan (1995). Para a autora, performance está relacionada às práticas estéticas que envolvem padrões de comportamento, maneiras de falar, maneiras de se comportar corporalmente - cujas repetições situam os atores sociais no tempo e no espaço, estruturando identidades individuais e de grupo. Considero esta definição especialmente operativa por envolver os aspectos comportamentais, de fala e corpo, e por relacioná-los à organização das identidades pessoais e sociais. Exergar as performances narrativas na combinação destes aspectos me auxiliou sobremaneira a analisar as performances dos contadores gaúchos/*gauchos*.

Victor Turner (197; 1981; 1992), Richard Schechner (1986; 1988; 1992), Erving Goffman (1999) e Richard Bauman (1977; 1986) são fundamentais para que se compreendam algumas das principais vertentes de estudos que embasam as atuais pesquisas sobre as performances narrativas. Vale considerar, entretanto, que todas são teorias desenvolvidas no Hemisfério Norte e que não são necessariamente “aplicáveis” às nossas tão diversificadas realidades brasileiras. A perspectiva que adoto aqui, neste sentido, é de que estas sirvam mais como “inspiração” do que como modelos para que desenvolvamos nossas próprias teorias acerca dos complexos processos que envolvem o aprendizado, a criação e a transmissão de narrativas orais. Acredito que o desenvolvimento destas novas epistemologias, chamadas pelo sociólogo português Boaventura de Souza Santos, de “epistemologias do sul” (2010), em alusão ao hemisfério que teve seus saberes historicamente excluídos, já esteja em curso³, e que a contação de histórias, seus contadores/pesquisadores e seus pesquisadores/contadores tenham grandes colaborações a dar.

Os conhecimentos adquiridos na prática da contação, no contato com a audiência, no aperfeiçoamento da memória, na valorização das diferentes tradições orais e no trabalho que integra corpo, voz e boas doses de imaginação, posicionam os contadores de histórias em um lugar privilegiado nesses novos processos de produção de conhecimento, tanto dentro quanto fora das instituições formais de ensino. A produção bibliográfica brasileira neste campo, tanto por parte dos contadores quanto dos pesquisadores, como procurei demonstrar, tem dado demonstrações de vitalidade, competência e disposição para trocas interdisciplinares. Desse diálogo tão especial, creio, nascerão novos saberes e novas formas de conta-los.

Referências Bibliográficas:

³ Uma ótima referência neste sentido é o artigo de Verônica Fabrini, “Sul da Cena, Sul do Saber” (2013), que problematiza a questão refletindo sobre o estatuto epistemológico do teatro.

BAUMAN, Richard. *Verbal Art as Performance*. Rowley, Mass: Newbury House Publishers, 1977.

_____. *Story, Performance and Event - contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BUSATTO, Cléo. *A Arte de Contar Histórias no Século XXI – tradição e ciberespaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. *Contar e Encantar – pequenos segredos da narrativa*. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMARGO, Robson Corrêa. Milton Singer e as Performances Culturais. *Karpa 6 – Revista de Teatralidades e Cultura Visual*. Summer, 2013.

CARDOSO, Vânia Zikán. CARDOSO, Vânia Zikán . O Espírito da Performance. Ilha. *Revista de Antropologia* (Florianópolis), v. 9, p. 197-213, 2009.

_____. Narrar o mundo: Estórias do povo da rua e a narração do imprevisível. *Mana* (Rio de Janeiro) v. 13, p. 317-345, 2007.

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FERNANDES, Frederico. *A Voz e o Sentido – poesia oral em sincronia*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2007,

GIRARDELLO, Gilka (org.). *Baús e Chaves da Narração de Histórias*. 2ª. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 8ª edição, 1999.

HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre - UFRGS, v. 11, n.24, p. 125-153, 2005.

_____. Sobre o contar causos : performances narrativas em uma região de fronteira. In: Robson Correa de Camargo; Eduardo José Reinato, Heloísa Selma Fernandes Capel. (Org.). *Performances Culturais*. São Paulo - Goiânia: Hucitec – PUC/GO, 2011, p. 336-347.

_____. *Gesto, Palavra e Memória: performances de contadores de causos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

KAPCHAN, Deborah A. Common Ground: keywords for the study of expressive culture - Performance. *Journal of American Folklore*. v. 108, n. 430, 1995.

LANGDON, E. J. Dialogicalidade, Conflito e Memória na Etno-história dos Siona. In: Fernando Fischman; Luciana Hartmann. (Org.). *Donos da Palavra: Autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul*.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2007, p. 17-41.

_____. A Fixação da Narrativa: Do Mito para a Poética de Literatura Oral. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 5, n.12, p. 45-68, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SCHECHNER, Richard. Magnitudes of Performance. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward. (eds.) *The Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986.

_____. *Performance Theory*. New York and London: Routledge, 1988.

_____. Victor Turner's Last Adventure. In: TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. 2a. ed. New York: P. A. J. Publications, 1992.

SINGER, Milton. *When a Great Tradition Modernizes*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

TURNER, Victor. *Dramas, fields, and metaphors: symbolic action in human society*. New York: Cornell University Press, 1974.

_____. Social Dramas and Stories about Them. In: MITCHELL, W. J. T. (org.) *On Narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

_____. *The Anthropology of Performance*. 2a. ed. New York: PAJ Publications, 1992.